



# BABY, HÁ QUANTO TEMPO



---

TEXTO POR FREDERICO COELHO  
PRESENTE NO LIVRO "TROPICALIA OU  
PANIS ET CIRCENSIS", EDITADO POR  
ANA DE OLIVEIRA.

---



Apesar de sua história ser famosa, Baby é um mistério. Sabemos o fato: uma cantora observou seus passos e soprou precisamente ao seu irmão compositor o que ele deveria falar sobre Baby. O compositor entendeu a história que sua irmã lhe contou e escreveu a canção. Uma canção cuja conversa é direta entre quem canta e seu ouvinte especial: Baby. A música tranquila, seu formato suave, seu arranjo tão belo, tudo faz com que Baby viva no imaginário popular como um dos rostos do tropicalismo. Mesmo que, ao contrário do rosto amarelo e roxo de Lindonéia, nunca tenhamos visto seu mais remoto traço.

Por saber essa história factual da canção, talvez nós soubéssemos quem é Baby e, mais do que isso, nós soubéssemos quem fala com ela. Mas a tarefa não é tão simples. Não sabemos nem mesmo se Baby é ela ou ele. Baby, no seu uso popular, é uma gíria e um carinho. É uma forma de chamar baixinho o mais íntimo e berrar na rua para qualquer um. Cantar sua canção faz de Baby uma personagem íntima de todos. Ao mesmo tempo, ouvir o que dizem a ela faz de Baby qualquer jovem perplexo de seu tempo. Baby é nossa e de ninguém.

Lembremos: na gravação clássica dos tempos tropicalistas, quem escreve a canção é um rapaz, mas quem a canta é uma moça. Ambos, tão jovens, nos seus vinte e poucos anos, assertivos e iconoclastas, são os que afirmam e avisam Baby enfaticamente: eu sei que é assim. Estamos em 1968, explodindo o sol dos cinco sentidos na melhor cidade da América do Sul. Nada mais e nada menos do que isso. O que narram a Baby é a constatação de que estávamos, finalmente, sendo parte do mundo todo. E esse mundo,

em plena convulsão, exige o novo. Quem conversa com Baby sabe disso. Ela, não. Pois quem conversa com Baby é uma pessoa exigente. Baby precisa saber de tudo, estar por dentro e andar com eles. Mesmo que com ela esteja tudo em paz, não podem deixar Baby viver fora das modas e das gírias. Andar com eles era freqüentar cinemas e teatros, participar de debates e festivais. Eles eram coloridos, eles eram transgressores, eles estavam conquistando as casas e as rádios. Eram os primeiros frutos de uma modernidade urbana brasileira, ouvintes dos heróis da bossa nova, leitores dos poetas concretos e dos cronistas da revista Senhor, amigos de Hélio Oiticica e Jorge Ben. Baby tinha que entender: se a vida nas grandes metrópoles do terceiro mundo era dura, o sorvete na lanchonete garantia ao menos um segundo de felicidade. Baby precisava deles já que, andando ao seu lado, estava tudo azul.

Mas a época da Baby também exige sacrifícios. São tempos em que sair de casa para andar com eles é se arriscar. Eles vivem dentro da noite veloz de um país que se bifurca entre a abertura plena aos fatos e fotos do mundo e o beco escuro de mortes e censuras. A televisão exhibe guerras, novelas e pernas de fora nas mini-saias da jovem guarda. Rogério Duarte e seu irmão são presos no dia da missa de sétimo dia de Edson Luis, em plena praça da Candelária. E são torturados enquanto estabelecem a Lei de Segurança Nacional. Embaixadores são seqüestrados enquanto Chacrinha aplaude os Golden Boys no palco do seu cassino. Nossas misérias tropicais e riquezas urbanas são transmitidas via satélite para todo o Brasil. E Baby permanecia em casa, no máximo indo até a quitanda e voltando em passo apressado para sua quieta

inadequação. Será que Baby não via os noticiários na tevê?

É por isso o tom impositivo, mesmo carinhoso, da canção: em uma vida com tantas transformações, com tantas possibilidades, com tantas demandas, a voz que lhe provoca não entende como ficar alheio aos dias mutantes, sem entender o que está acontecendo lá fora. Não entende e não aceita. Essa omissão em relação à contemporaneidade faz com que Baby pague um preço alto. Quem canta para ela não admite sua cândida inércia, sua ingênua ignorância. Não é à toa que exigem de Baby sua total atualidade, seu deslocamento imediato do silêncio do atraso para a balbúrdia do presente. Baby tem que ser o retrato de seu tempo em expansão. Afinal, ela vive no tempo fútil e farto da piscina, da margarina e da gasolina. Quem conversa com Baby diz que todos precisam viver nas ruas, de olho no sol nas bancas de revista, abraçados ao ritmo vertiginoso da geléia geral e ligados nas novas eletricidades daqueles dias. Baby, que anda sozinha e vê de longe, precisa abrir os olhos, os ouvidos e os sentidos.

Por que será que Baby não sabe o que está acontecendo ao seu redor? Os dias de fúria nas capitais da Europa, os dias de luta e de amor livre nas cidades norte-americanas, a banda solitária do sargento pimenta, a terra das moças elétricas, a música africana e o canto revolucionário dos negros da motown, as novas nuvens lisérgicas dos ácidos, das ervas, das cores do pop, o sangue que jorra nas ruas do seu país? É justamente por isso, por ter tanto para ver e saber,

para dizer e experimentar, que pedem a Baby para saber o que sabem e o que não sabem mais. São dias de afirmar ideias mesmo que, como quem fala com Baby, não saiba muito bem sobre tudo o que se fala. Pois a mesma pessoa que confessa francamente não saber, é a que afirma sem titubear por toda letra o que Baby deve fazer. Curiosa convicção.

Por exemplo, Baby entende que ela precisa saber inglês? Nessa hora da conversa, quem sabe, baby rompa seu silêncio e diga a eles: – para que saber inglês se as novelas, as revistas de corte e costura, as crônicas de Nelson Rodrigues, os livros de Cassandra Rios, até mesmo aquela canção do Roberto e a Carolina, tudo isso eu entendo em bom português?

## II

E Baby pode ainda perguntar: - saber o que de Carolina? Que um ano antes (1967), outro jovem compositor apresentava ao país mais uma moça muda, triste e distante? Que Carolina vivia como Baby, dentro de casa, dentro da casca de seu tempo parado? Baby conhecia a história de Carolina muito bem. Como se fosse uma espécie de cúmplice, a moça da canção triste perdia o mundo que passava lá fora em outra velocidade. O mundo que Carolina não via era um mundo de rosas abertas, de estrelas caídas e barcos partindo. Mas, ao contrário do que seu compositor inconformado diz, não era só ela que não via esse mundo. Baby também não. Só que, assim como Baby, não era Carolina que lamentava por isso. Os lamentos eram dos outros ao seu redor. Baby e Carolina, talvez, fossem felizes do seu jeito. Uma felicidade velha, que exasperava quem tinha necessidade de futuro.

Baby e Carolina tinham alguma amizade? Baby ouviu pacientemente os tristes dias de quem guarda a dor de todo esse mundo? Ou, como diz sua canção, Baby nunca ouviu falar da outra? Talvez Baby saiba quem é Carolina, mas dentro de seu silêncio não ouviu sua música. Mesmo que ela tenha se tornado um sucesso nacional, um sucesso no peito apertado das mães dos presos políticos e nas festas funerárias das esposas dos generais, Baby pode não ter ouvido nada sobre sua amiga e, pensando bem, provavelmente não a conheceu pessoalmente. É porque seus mundos, apesar de ausentes e passivos, são diferentes. O que exigem de Baby é uma convocação ao seu tempo urbano, elétrico e bilíngüe. Já a Carolina, a única coisa que pedem dela é que enxergue o tempo lá fora, que passa veloz pela sua janela. Baby e Carolina podem ser, quem sabe, moradores vizinhos que não se encontram por não saírem de casa. Suspeitam, e até se confortam em saber que existem outros que vivam do seu jeito nulo, mas não precisam conhecer os outros – ou o mundo. Baby e Carolina podem até mesmo viver no prédio da outra canção, aquele em que mora uma gente que não se entende e que não entende o que se passou (o prédio de Maria Amélia, que passou da idade e não se casou). Ou então Baby e Carolina podem viver dentre o mofo dormido da casa, inertes na sala de jantar, ocupadas em nascer e morrer.

## III

Mas, apesar disso tudo, apesar dessa negação do tempo presente e de sua juventude, quem conversa com Baby no fundo, está apaixonado. Toda irritação com sua inadequação ao estilo de vida do jovem urbano do seu tempo é um ardil para que

ela se convença do valor desse amor. Toda tentativa de sugerir gratuitamente as informações sobre tanta novidade é para que Baby se aproxime e entenda sua camisa. Tudo o que Baby precisa aprender é um pré-requisito para que ela viva ao lado da pessoa que lhe ama. Baby precisa “saber de mim”. Baby precisa “andar com a gente”, mas apenas para “me ver de perto”. Enfim, Baby precisa saber inglês apenas pra ler na sua camisa a única declaração possível de seu tempo: Baby, I love you.

Para que tudo isso aconteça, Baby tem que largar sua vida em solidão e embarcar em uma nova aventura, em uma nova cidade, ao lado de quem lhe chama rumo à modernidade tropical.

Essa demanda amorosa pela nova vida de Baby é atravessada por referências românticas, do sorvete na lanchonete ao hit de Roberto Carlos (em 1968 ele cantava sobre “as canções que você fez pra mim”). A camiseta declarando eu te amo fecha e, ao mesmo tempo, abre a proposta de um amor público, em letras impressas e carregado no peito aberto. Um amor de jovens para jovens, um amor que é fruto dos tempos em que moças como Carolina ficam sozinhas (eu bem que mostrei a ela...), olhando para trás. E Baby, talvez, perceba que os dias são outros e que a chance de se libertar da sua inércia seja essa. Assim, quem sabe, ela abraça o pedido de ver de perto seu destino, junte suas mãos com seu tempo e retribua feliz, finalmente, também dizendo para a vida: *I Love you.*

- Frederico Coelho

# TROPI CALIA

POR DENTRO DO DISCO

PATROCÍNIO



COPATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO

